



A ARTE INDÍGENA CONTEMPORÂNEA: MOSTRA SEUS RAIOS DE LUZ

Rosalina de Godoy Dias da Silva - rosalinadegodoydias@gmail.com

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Unioeste, Cascavel, Paraná, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-7879-1645>

Alai Garcia Diniz - agadin@gmail.com

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Unioeste, Cascavel, Paraná, Brasil; <https://orcid.org/0000-0003-1085-6657>

RESUMO: O presente artigo propõe uma leitura das imagens e escritas do artista Jaider Esbell, juntamente com o livro *Makunaimã: o mito através do tempo* (2019), de acordo com o conceito de autoria que predominou na Idade Média, conforme Paul Zumthor, quando as histórias eram narradas, por diversos contadores na tradição oral. A partir das oficinas de copistas, em uma versão de história que era transcrita e escrita para ingressar o universo literário. Em 04 de setembro à 28 de novembro de 2021 a Exposição Moquém Surari na 34ª Bienal de São Paulo, contou com diversos artistas indígenas da arte contemporânea, dos povos Baniwa, Gusani, Mbya, Kunikuin, Krenak, Karipuna, Lakota, Makuxi, Murubo, Pataxó, Patamona, Taurepang, Tapirapé, Tekmû'ún-Maxakali, Xerixana e Yanomami. Nesse evento, foram exibidos desenhos, pinturas, fotografias e esculturas, que se referiam as transformações visuais do pensamento cosmológicos e narrativas ameríndios. De cariz bibliográfico, os objetivos do artigo são o de analisar a cosmovisão dos povos originários, contribuir para restabelecer valores da arte indígena com fotos de pinturas da arte indígena contemporânea de diversos artistas da Bienal e, diferenciá-los da hierarquia enraizada no contexto da arte não indígena. Além disso, o artigo trata também do aspecto epistemológico e metodológico da simbologia observada na escrita e na pintura das imagens, a perspectiva teórica indica pela valorização da ética na tradição oral e no mecanismo de sua reprodução, concluindo com as considerações finais.

PALAVRAS-CHAVE: Jaider Esbell; Makunaimã; 34ª Bienal.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo resulta de pesquisa realizada sobre a obra *Makunaimã: o mito através do tempo*, de Jaider Esbell, artista da etnia makuxi, nasceu em 1979, na comunidade de Santa Cruz, no município de Normandia, no Estado de Roraima, o território indígena denominado Raposa Serra do Sol. No auge de sua carreira, Jaider Esbell faleceu² em 02 de novembro de 2021 em São Sebastião no litoral de São Paulo, aos 42 anos. Com seu trabalho admirável dedicado a pintura, compõe-se por imagens que evocam as forças da floresta e de seus saberes, em uma classe de xamanismo visual.

O empenho na resistência e luta em prol dos povos originários de Jaider contribuiu para tirar a arte indígena contemporânea da invisibilidade, mostrando toda a sua beleza e sabedoria, ao desenvolver e divulgar a arte, a sua arte e a arte de outros artista indígenas, dialogando com a grande mídia sobre os

¹ Obra premiada no Edital de Seleção Pública No 04, DLLL/ SEC/ MINC, de 17 de setembro de 2018, Prêmio de Incentivo à Publicação Literária, 100 Anos da Semana de Arte Moderna de 1922, realizado pelo DLLL. Fonte: ESHELL, Jaider. *Makunaimã: o mito através do tempo*. Taurepang et al. São Paulo: Elevante, 2019.

² Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/morte-de-jaider-esbell/>

conceitos de cultura e arte. São muitos os desafios para a arte indígena na contemporaneidade, pois por muito tempo esteve restrita à floresta, e com o protagonismo de Jaider, ganhou espaço na cidade de Boa Vista, fazendo-se ser bem recebida pela elite cultural do Estado de Roraima, mas Jaider tinha planos de apresentar ao grande público um pouco mais sobre a arte indígena cosmopolita, principalmente as expressões artísticas da cultura makuxi.

A arte indígena produzida pelos povos nativos do Brasil, geralmente, é denominada de Arte Indígena Brasileira, e arte cosmopolita ou contemporânea, por sua vez, vem da liberdade de expressão e poética usufruída pelo artista que não se vê preso a cânones, escolas e estilos. Sua busca pelos traços que não estejam dentro de um panorama religioso ou político, estilístico ou canônico. Essa forma de arte não está mais preocupada em mostrar a realidade como na disputa pela convenção do Realismo, ou em conhecer o novo ou original, como no Modernismo, ou nos movimentos vanguardistas. Ela tem como propósito questionar a própria imagem artística, a imagem que o artista tem de sua arte, por isso, a arte contemporânea faz-se tão inquietante.

Essa é a liberdade proposta pela arte contemporânea Ocidental, do artista Jaider Esbell. Sua carreira artística teve início em 2012, com seu primeiro livro *Terreiro de Makunaimã: mitos, lenda e histórias em vivência*. Para chegar a essa publicação, Esbell participou em 2010, de um edital de literatura, a Bolsa Funarte de criação literária/ programa do ministério da cultura para apoiar financeiramente novos escritores. O que possibilitou através dessa bolsa, e com ela, o lançamento de sua obra literária dois anos depois. Então, outros livros foram surgindo, dentre estes o simbólico *Tardes de Agosto, Manhãs de Setembro, Noites de Outubro (2013)*. Nessa obra o artista relata como foram as pinturas de suas telas.

Suas obras de pinturas são desenvolvidas através da técnica acrílica sobre a tela, dando forma artística ao imaginário, às lides da vida social, às crenças e aos valores dos povos indígenas, incluindo neles o cuidado com a natureza. Essas obras de arte plasmam a espiritualidade desses povos e ao mesmo tempo fazer a denúncia, identidade, para Jaider dialogar com a natureza, é entender a arte indígena, ouvindo outras vozes, outros saberes, porque quando uma obra de arte é feita espiritualmente, ela fica perfeita. Provavelmente todos nós conhecemos a obra de Mário de Andrade, *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter (1928)*, sendo o seu livro mais famoso, considerado uma das obras mais importantes no Movimento Modernista Brasileiro, possui 17 capítulos, e um epílogo, com texto curto, porém multifacetado, que resumindo suficiente, traça as peripécias no país em que um protagonista nasce negro e indígena, mas no desenrolar da história se torna branco. Conforme propõe Mário de Andrade, esse herói seria a personificação das características do brasileiro, consideradas naquela época, muitas vezes preguiçoso e luxurioso, até malandro ou ignorante. Portanto, representa uma síntese do que seria a mestiçagem e é por isso que, embasado pelo conceito de antropofagia, fazia o autor uso de um compilado de histórias

indígenas com elementos populares e estrangeiros, além de várias palavras, afim de produzir uma linguagem brasileira.

As obras de Mário de Andrade apresentam nacionalismo crítico, liberdade formal e valorização da linguagem coloquial. Ele nasceu em 09 de outubro de 1893, na cidade de São Paulo, é um dos principais nomes da primeira geração modernista. Em 1922 participou da semana de Arte Moderna, também foi professor de história da música e da estética no conservatório dramático e musical da cidade de São Paulo, foi um dos porta-vozes do Movimento Modernista até sua morte³ ocorrida no dia 25 de fevereiro de 1945 em São Paulo.

Mas, nem todos nós conhecemos a obra *Makunaimã: o mito através do tempo* (2019)⁴, que reúne um belo texto coletivo, de cunho lírico, dialógico e filosófico, além de imagens de Jaider Esbell que destacou a relevância de mitos das diversas etnias amazônicas. Em 2018 quando os eventos que propiciaram esta obra se iniciam em São Paulo, as vozes indígenas vão criando uma espécie de paródia, como canto paralelo, enquanto procedimento poético, reivindicando o seu parentesco com *Makunaimã*, além de lançar também uma série de 15 (quinze) telas de obras, denominadas arte indígena contemporânea na mostra de seu primeiro artista plástico roraimense que culmina no curador de um novo segmento junto à 34ª Bienal de São Paulo, com a exposição paralela no Museu de Arte Moderna de São Paulo, em 2021.

Os raios de luz brilham, não só na floresta, mas também fora dela, o protagonista desse movimento é o maior artista brasileiro contemporâneo, conhecido no Brasil e no exterior. Esbell nos diz:

Minha relação com o meu avô Makunaimã é muito forte por meio da arte e também por meio do sangue. Sim, o mesmo sangue a mesma astúcia, o mesmo caráter, eis o grande artista Makunaimã, o grande ser incompreendido. Eu nasci e fui alcançado pelo meu avô pelos pés com um pulo que meu avô deu para me alcançar. Foi assim a minha introdução no mundo, meu avô foi me mostrando (Esbell, 2023, p. 139)

Com esses relatos Jaider quer mostrar que seu avô sabia o que estava fazendo quando comeu o fruto proibido, como reza o mito que narra; que ao comer o fruto proibido *Makunaimã* deu prova de coragem e partiu para o mundo, fazendo o Universo estremecer, nada mais era como antes.

³ <https://www.portugues.com.br/literatura/mario-andrade.html>.

⁴ Os eventos realizados nas quatro casas da organização social Poiesis – Instituto de Apoio à Cultura, à Língua e à Literatura de São Paulo, em agosto de 2018, inspiraram a peça escrita posteriormente, a partir de diálogos e relatos de diferentes indígenas que contribuíram e fizeram sugestões. Publicada em junho de 2019, os direitos autorais da obra são dedicados aos narradores taurepang, macuxi, pemon e wapichana.

2 MAKUNAIMÃ TRAZ PARA O PALCO A LITERATURA INDÍGENA CONTEMPORÂNEA

Figura 1 – Pintura de Makunaimã humano



Fonte: Obra sem título (2020), do artista Elisclésio Makuxi

Em um diálogo estético / político, que a obra *Makunaimã: o mito através do tempo* (2019), estabelece com a rapsódia *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter* de 1928, de Mario de Andrade. Jaider e outros artistas indígenas e não indígenas, como Déborah Goldenberg, Cristiano Wapichana, Paulo Santilli e Zacarias de Souza Loiola, e outros sobre a perspectiva teórica pós-colonial, estabelece um diálogo entre Macunaíma e Makunaimã, a divindade indígena do tempo imemorial. Nessa ação pós-colonial, estão em disputa as visões colonizadoras e as tentativas anticoloniais, assim um pequeno manifesto é apresentado, a Reantropofagia no qual renasce Makunaimã e a antropofagia originária que pertence a nós indígenas, flagradas por uma obra artística multiforme, inacabada, que ainda tem muito para dizer sobre a literatura brasileira com o passar do tempo.

Tal poética enseja outra perspectiva mais crítica e flexível da rapsódia andradina, nesse processo circunscrito em um momento histórico da cultura brasileira, passando então por vistoria de ordem intelectual e crítica. Trata-se de uma proposta feita por diversas mãos e mentes que elegem Makunaimã como uma divindade e fonte de sabedoria ancestral.

Esse teatro com narrativas, escrita com marcas de oralidade, em que as palavras se entrelaçam com as ilustrações de Jaider Esbell, que ao trazer uma autoria coletiva; rompe com a ideia e a forma canônica colonial de artista, ser genial e sem par no mundo. Makunaimã configura-se como um objeto de afirmação de um grupo. Edward Said, em *Orientalismo* (2007), desenvolve um debate acerca da ideia de que o Oriente, espaço dos colonizadores teria sido inventado pelo Ocidente detentor do poder da colonização, Said (2007) aponta que “o Ocidente é o autor, o Oriente o coadjuvante passivo. O Ocidente é o espectador, o juiz e o júri de cada aspecto do comportamento Oriental.” (Said, 2007, p. 71). E também para questionar esse movimento que impede a ascensão intelectual dos colonizados, como mostra Fanon (2021), e para os considerados orientais possam atuar como e por meio de suas próprias narrativas, assim

como propõe Said, faz-se necessário algum movimento que desmistifique a história única como escreve Chimamanda Adichie, em sua obra *O perigo de uma história única* (2019).

Com Fanon, Said e Adichie, por meio da arte indígena, afirmam-se essas vozes, que durante muito tempo foram silenciadas, contribuindo para silenciar o que fora dito pelo colonizador em outros tempos. Na obra *Makunaimã* a ação desenvolve-se, no palco e no texto, em torno dos mitos: Makunaimã, divindade do extremo Norte do Brasil, como foi contada por indígenas de distintos povos. Makunaimã, relatado em um texto científico de Koch-Gruberg. Macunaíma, a personagem figurada por um escritor no auge da cultura paulistana, Mário de Andrade, inventor de uma literatura que se tornaria genuinamente brasileira. Mário apresenta *Macunaíma* como uma rapsódia.

O fato da obra *Macunaíma* ser apresentada como uma rapsódia exige de nós uma digressão rumo a gênese desta forma. Em primeiro lugar, como professor de piano, Mário conhecia o gênero denominado rapsódia, composição musical livre que justapõe distintas variações, baseada em diferentes melodias populares. Além disso, também se pode pensar que, na cultura grega antiga, chamava-se rapsodo o indivíduo que indo de cidade em cidade, recitava composições poéticas de outrem. Mário de Andrade classificou seu livro precisamente como uma rapsódia, considerando-se o caráter fronteiro do trabalho seja com a forma musical diversificada da rapsódia, seja com marcas da oralidade no registro escrito, tradições marcantes de populário nacional multiétnico, e acúmulos simbólicos próprios da cultura letrada, como observa Gilda de Mello e Souza (2003).

Uma análise pouco mais atenta do livro mostra que ele foi construído a partir de uma infinidade de textos pré-existentes, elaborados pela tradição oral ou escrita, popular ou erudita, europeia ou brasileira. A originalidade estrutural de *Macunaíma* deriva, deste modo, do livro não se basear em mimesis, isto é, na dependência constante que a arte estabelece entre o mundo objetivo e a ficção; mas em lidar-se quase sempre em outros mundos imaginários, a sistemas fechados ou sinais, já regidos por significação autônoma (Mello; Souza, 2003, p. 10)

Não se pode negar a importância desta obra específica de Mário de Andrade no contexto de renovação das Letras Nacionais, nem o de movimento Modernista para consolidação de meios expressivos e interpretativos do Brasil, menos dependente dos modelos exportados. Pensando justamente nas contradições e limitações político ideológicos que envolvem a vocalização de indígenas na Literatura Brasileira, principalmente na passagem do século XX para o século XXI, que este trabalho discute *Macunaíma* pelos olhos da obra *Makunaimã* (peça teatral). Buscando discutir a compreensão do colonizador, e a narrativa de múltiplos povos historicamente silenciados.

No teatro de *Makunaimã* pouco apresenta um saldo positivo em que, nove décadas depois do romance *Macunaíma*, de Mário de Andrade, os indígenas não são ouvidos, lidos ou se encontram

amplamente valorizados enquanto artistas e intelectuais. Ao contrário disso, e a peça se funda na intenção do inacabado, os personagens, no palco, disputam as palavras e as ideias; reivindicam memórias e direitos, revolvendo histórias, enquanto pensam sobre a violenta história colonial que ainda se faz presente no Brasil.

Assim como acontece em *Makunaimã*, os textos compostos de literatura indígena não são dissociados da oralidade, pois surgem a partir, de contações partilhadas pela comunidade. A sabedoria oral é compartilhada cotidianamente nas aldeias e a escrita é levada para outros espaços, como explica o escritor Daniel Munduruku (2009). Ele observa que a relação entre a oralidade e a tradição é fator importante para a transmissão da memória. Para o pensador indígena, “oralidade” não é apenas palavra que sai da boca das pessoas. Munduruku (2009, p. 72). Na obra aqui destacada, há um breve debate sobre as relações entre escrita e oralidade.

3 JAIDER, MAKUNAIMÃ E A 34ª BIENAL DE SÃO PAULO

Amostra *Moquéem Surari*. A arte indígena contemporânea teve obras de quatorze artistas indígenas expostas no museu de Arte Moderna de São Paulo (MAN-SP), com o tema “Faz escuro, mas eu canto”, fazendo alusão ao poema de Tiago de Mello. A exibição que teve o total de cento e cinquenta obras de artistas indígenas, aconteceu no mês de setembro até o dia 28 de novembro de 2021, oito deles apresentaram a coleção que foi considerada como o carro chefe dessa exposição, *As Vacas nas Terras de Makunaimã: de Malditas a Desejadas*, que interpreta uma realidade de Roraima, a criação de gado comunitárias nas terras indígenas, essa coleção compõe-se de dezessete obras que retratam a relação dos makuxis, patamona, taurepang e wapixana, com a pecuária indígena.

A curadoria das obras estava sob a responsabilidade do artista makuxi Jaider Esbell, que tinha, além de suas obras nessa exposição, duas serpentes flutuantes de dez metros de altura, instaladas no lago do Parque de Ibirapuera, em São Paulo.

Figura 2 – Entidade, Parque Ibirapuera, São Paulo



Fonte: Jaider Esbell (2021), 34ª Bienal – MAM; Parque Ibirapuera, São Paulo – SP

Intituladas *Entidades*, as serpentes flutuantes no Ibirapuera, discute a importância da produção artística em tempos sombrios. As serpentes carregam simbologias do povo makuxi, para eles as cobras representam fertilidade e fartura, mas também servem de proteção para os povos originários.

Os artistas com as obras expostas foram: Amazoner Arawak, Bartô Makuxi, Bernaldina José Pedro, Carmézia Emiliano, Charles Gabriel, Davi Kopenawa, Diogo Lima Makuxi, Luiz Mateus Patamona, Elisclésio Makuxi, Fanor Xirixana, Isaias Miliano, Joséca Ianomami e Mauro Flores Taurepang. Para Esbell, foi um marco a presença e a visibilidade dos povos indígenas.

O título da mostra *Moquém Surari*, se refere a narrativa makuxi sobre a transformação do Moquém em uma mulher, que nos tempos antigos, subiu aos céus a procura de seu dono que a havia abandonado. Uma vez no céu Surari se transforma na constelação responsável por trazer chuva, marcando o fim de um mundo e o começo de um novo.

No dia 22 de outubro de 2021, Jaider concedeu entrevista a Carolina Oliveira e a Raquel Setz do *Brasil de Fato*, Jaider “Os povos indígenas têm seus próprios sistemas de arte, com fundamentos, razões, intensidade, e eles não pressupõe uma cópia ou um arremedo Europeu de Arte”, ressaltou o artista. A arte indígena é composta de memórias, inquietações, diálogos. Em que os artistas falam sobre a colonização, processo de invenção que precisam ser faladas para que o Brasil desperte a consciência de si mesmo.

Quando temos a consciência de quem somos ou de onde viemos, isso muda o sentido das coisas, quando os povos se posicionam como detentores de políticas de cosmos, de criação de mundo, enquanto civilizado e de povos plenos, de território e de cultura. Jaider fala de *Moquém Surari*, “o que a gente tentou trazer na *Moquém Surari* e colocar nesse palco um ponto de encontro que de sentido para toda a sociedade um nível de conhecimento e tecnologia, alcançando ou “preservando”, por esses indivíduos que são representantes de civilizações originárias.” (Brasil de Fato, 2021)

Neste contexto a arte cai muito bem nessa urgência, porque trabalha vários elementos, e a visibilidade é a mais forte deles, então as obras que foram colocadas têm mais energia, mais vivacidade, mais segurança. Isso tem sido fundamental porque desperta as emoções nos olhos e também afeto, é pela memória que o indivíduo acaba descobrindo que tem.

A arte pode nos levar a construir e a pensar em outros mundos, exercitando e dando largas aos campos mais restritos da imaginação, colocando a possibilidade de estar em um lugar amplo e imerso nessa energia que gera vida, são energias muito fortes e muito coloridas. Os relatos de Jaider nos mostram o seu pensamento:

Então, esses trabalhos trazem um pouco a natureza desse espírito. Não diria que o espírito é inquieto, porque inquieto compreende a uma patologia. Mas uma energia

essencial de movimentação fazendo esses exercícios de desafiar a mente para ir além das formas que já se conhece, buscando outros elementos, mas destituídos de ideia das formas tal qual a gente conhece, como se essas coisas estivessem sempre em movimento (Brasil de Fato, 2021).

Essas energias que são extremamente pulsantes, vibrantes. São esses exercícios que tentam trazer para o ambiente a visibilidade que a nossa mente não alcança, nossos olhos biológicos não alcançam, só a imaginação pode alcançar.

O artista e sua imaginação conseguem trazer isso para cá, esse caminho é longo, é um exercício de profundo silêncio, introspecção e escuta, a correria do dia a dia não deixa a capacidade de perceber esse sentido mais fino. Jaider diz que, acha que a arte indígena contemporânea é uma provocação teórica, que ele está fazendo à Universidade de São Paulo, que é uma forma de usufruir dessa conquista coletiva e histórica, nesse lugar de visibilidade, pensa que essa luta não começou com ele, mas que é uma continuidade de outros “artistas” que o povo indígena vem trabalhando nessa resistência.

Essa foi a Bienal de São Paulo com a maior diversidade de todos os tempos, as notícias que estamparam os jornais e as revistas deram conta de que o contingente de mulheres, de negros, de LGBTs e de indígenas, nunca foi tão grande. Mas, o que há por trás da curadoria que deu luz a ideias tão bonitas dos versos do poeta Thiago de Mello, da obra *Faz escuro, mas eu canto* (1965).

Faz escuro, mas eu canto,
porque a manhã vai chegar.
Vem ver comigo, companheiro,
a cor do mundo mudar.
Vale a pena não dormir para esperar
a cor do mundo mudar.
Já é madrugada,
vem o sol, quero alegria,
que é para esquecer o que eu sofria.
Quem sofre fica acordado
defendendo o coração.
Vamos juntos, multidão,
trabalhar pela alegria,
amanhã é um novo dia.
Thiago de Mello⁵ (1926-2022)

O verso que impulsionou a Bienal de São Paulo “reflete a ânsia pela transformação que, no contexto em que se vivia na época, era estimulada pelo debate político livre e de ampliação utópica”

⁵ Thiago de Mello nasceu no dia 30 de março de 1926, em Parentim do Bom Socorro, no município de Barreirinhas no Amazonas, Thiago de Mello é considerado um dos maiores nomes da literatura brasileira e mundial. O poeta amazonense foi perseguido pelo governo militar, e teve que se exilar durante dez anos na capital Santiago, no Chile. Foi vizinho de Pablo Neruda (1947 – 1973), mantendo essa amizade.

(Medeiros, 2021), conforme escreveu Jotabê Medeiros⁶, “subitamente apareceu ter sido feito sob medida para aqueles tempos”.

O debate segue os caminhos encontrados pela nossa sociedade, são imprescindíveis, assim como urge viabilizá-los, em um espaço frutífero para um diálogo como o da arte, um lugar de acesso para pessoas de todas as classes sociais, foi um evento gratuito, e nas adjacências do MAN – SP, aconteceu uma amostra complementar de Moquém Surari.

Figura 3 – A pintura com o nome da Amostra, MAM - SP



Fonte: *Moquém Surari*: arte indígena contemporânea – Transformação ressurgência de Makunaima – série transmakinima, 2018 (Jaider Esbell / Reprodução)

Moquém Surari faz parte de uma política de resistência indígena, é uma extensão da invisibilidade que a própria mídia provoca, o movimento de base. Uma vez que os povos originários estão em Brasília, lutando pelo óbvio, pela vida, pela dignidade, mas a sociedade, e as mídias acham que a luta é dos índios, uma luta à parte do mundo. Não conseguem entender que é uma luta muito além da vida humana. Sobre lutar por tudo, especialmente pela espiritualidade, esse assunto é diferente, os indígenas querem que seja, eles tentam de todas as formas possíveis mostrar isso, não são melhores nem piores que ninguém, mas entendem que a responsabilidade com a vida é maior que tudo. A sociedade europeia, chegou e dominou, ou seja, quase dominou, porque eles continuam vivos, lutando e se debatendo, porque não foram dominados e nem exterminados.

Jaider relata: que não recebeu nenhuma crítica sobre *Moquém Surari*, por que será?

Porque nós, povos indígenas, estamos muito instruídos para esse intermédio. De fato, não deixamos qualquer coisa passar de qualquer forma, como as coisas têm sido tratadas a mais de 500 anos. As nossas histórias, nossos pensamentos sempre foram interpretados, induzidos e moldados por antropólogos, por poderes, por políticos, enquanto a gente nunca conseguiu imprimir um pensamento autoral, que nos coloque devidamente em um lugar de pessoas que tem mundos próprios, cosmologias próprias (Esbell, 2023, p. 143).

Assim sendo, para paralisar os momentos com a cultura que quer ser dominante. Por exemplo: O Makunaimã, que é o seu avô, o Macunaíma que está na capa do livro de Mário de Andrade virou

⁶ Jotabê é jornalista, escritor, repórter de cultura há 35 anos.

folclore, muitas pessoas dizem que o folclore não existe, que é uma invenção, mas na verdade é uma apropriação da cosmologia indígena e de suas entidades. Uma apropriação, pega-se essa ideia que é linda, que não cabe no cânone europeu, e joga-se em um cesto de coisas sem serventia, para uma civilização, mas que podem servir para outra.

Figura 4 – Nosso trabalho, nossa vida. MAM - SP



Fonte: *Moquém_Surarê*: Anna Senkamanto-Anna Komanto – Nosso trabalho, nossa vida. Arte Indígena Contemporânea, 2020 (Elisclésio Makuxi / Reprodução)

Essas obras se compõem de um trabalho coletivo, histórico, fundamentado. Não só de uma pessoa que faz desenhos bonitos e coloridos, as pessoas ficam impressionadas com a capacidade desses artistas autodidatas, mestres de suas próprias histórias, reconhecem os sistemas de arte europeus, mas trazem também os seus próprios sistemas de arte, que são múltiplos, plurais, e que só aqui no Brasil têm mais de duzentos povos vivos, íntegros, inteiros, com suas cosmologias fragmentadas pela colonização, é claro, mas são povos autênticos.

A amostra tem obras que vão além do que se conhece, como etnografia, mostrando a produção de integrantes de dezoito etnias do continente. Nesse sentido, a exposição mostra que não existe uma arte indígena, mas sim, diferentes cabeças pensantes na arte. Falando de uma natureza criada pelo homem quando ele inventou o pensamento, a filosofia, a evolução, a modernidade e todas essas palavras que o homem criou, por exemplo, o que a ciência chama de Antropoceno.

O homem se apartou da natureza, nega a natureza e diz que está evoluído demais, que é soberano de todas as espécies. Ele é tão cruel que destrói todos os seres vivos, visíveis e invisíveis, e vai acabar por destruir a si próprio.

4 COMO ESSAS DIFERENTES ETNIAS FAZEM O DISCURSO IGUALITÁRIO NA EXPOSIÇÃO

A soberania que nada mais é do que atestados a direitos muito mais que humanos, então, para que possamos entender essa dimensão, precisamos estudar essa palavrinha, e para quem vem perguntar “o que é arte indígena contemporânea? Eu digo que é uma armadilha para levar bons curiosos para lugar de reflexões profundas”⁷ (Jaider Esbell, 2021).

Eles sabem que fazer arte indígena contemporânea não é o suficiente, que não abarca tudo, mas que necessário para atrair alguns curiosos, atentos, com vontade de escutar uma história ou outra. De fato, as pessoas pensam que os indígenas são moda, mas eles estão trabalhando para ficar, e estão se conectando com outros artistas indígenas, e vão fazer o possível para estarem em todas as Bienais ao redor do mundo.

Eles guerreiam com as flexas, com feitiços, e nunca exterminam outros povos totalmente, Jaider nos dizia, temos cosmologias, somos mundos próprios, somos íntegros, inteiros, porque se sobreviveram a tantas coisas absurdas que já passou, e estão em pé, e aprenderam português, francês, inglês, e tantas outras línguas para dialogarem com as pessoas, é porque não estão afim de brigar.

Segundo Jaider (2021) o Brasil nunca conversou com os povos indígenas, e é porque não quer conversar. Os indígenas já entenderam isso, e estão dizendo com todas as letras e com muita sabedoria que querem diálogos, desejam dialogar, e se são capazes de produzir eventos coletivos desse porte é porque são inteligentes. Não são só tristeza, sofrimento, e eles estão nos lugares em que merecem estar, ocupando lugares históricos e com coisas maravilhosas de seus cosmos fantásticos, que são reais, mas como toda a pedagogia é lenta, gradual e contínua, o primeiro momento foi se posicionar enquanto artistas indígenas, lideranças no segmento da arte, fazendo articulações entre os seus próprios povos, porque o Brasil não os apresenta com o respeito que merecem. Jaider (2021) relata que o convidaram para que fizesse uma exposição individual, mas sua resposta foi não, porque ele não é individual.

Todo o trabalho é coletivo, assim começou a exposição *Moquém Surari*, um trabalho gigantesco que não pode ser feito por uma só pessoa, é muito complexo e precisa da coletividade, esse não é um movimento avulso, eles são filhos desse movimento, suas famílias têm nome e sobrenome, esse movimento é fundamental para eles, para o mundo e para a humanidade. A arte dá dinheiro e para que ele serve? Para distribuir, educar, conscientizar, caso contrário, eles vão construir impérios individuais e repetir os mesmos erros da branquitude e não é essa a ideia.

⁷ ESBELL, Jaider – “O que são 70 anos diante de 521, meu querido “entrevista de Artur Tavares. 03/10/2021. Acesso em 10 de Fev. 2024. Disponível em: <https://elastica.abril.com.br/especiais/jaider-esbell-bienal-mam>.

No entanto, não existe melhor lugar para discutir esse tema, se não no campo da arte, mesmo que seja para considerar a questão monetária. Jaider (2021) se expressa em nome do coletivo, quando afirma que os indígenas não são hipócritas, embora a cultura ocidental julgue que os indígenas vivem e vivem sem dinheiro, eles sabem que precisam trabalhar muito, e para isso não precisam derrubar nenhuma árvore. Eles têm tecnologia suficiente para produzirem alimentos dentro das áreas desmatadas. É isso que eles querem ser, indígenas. Não querem ser apagados na branquitude, querem que a branquitude seja um pouquinho indígena.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Incontáveis ensinamentos deixam marcas no caminho percorrido pelo artista Jaider Esbell, que surgiu como uma estrela personificada, para muito nos presentear com uma vasta constelação de equinografias místicas, e nos possibilitou diferentes formas de acesso ao universo dos povos makuxi, sempre generoso, sem restringir sua atuação nas artes visuais e performance, mas sempre destacando-se como produtor cultural, curador e escritor. Sua extensa e prodigiosa carreira nos faz refletir sobre as diversas mensagens expostas como elementos da cosmopolítica, contrariando a abordagem de muitos livros, museus, acervos e coleções, que tratam os povos indígenas como nojentos e desrespeitosos.

Sua obra é um convite, a revermos os currículos curatoriais e epistêmicos em diversas instituições ao redor do mundo, mas sobretudo no Brasil, que recai na invisibilidade do Sul da América Latina no cenário acadêmico mundial. Diante das obras de Esbell, encontramos ânimo para refletir sobre as visões distorcidas deixadas pelos padrões europeus nas colônias. Entre os séculos XVI aos séculos XIX, que costumavam tratar os povos originários com graves deturpações, incapazes de entendimento da alteridade, perverteram o que não conseguiram entender, com tratamento desumano. No entanto, Jaider nos apresenta mais do que um reequilíbrio de forças. Suas obras são marco de ocupação de espaços e de territórios culturais, nos seus aspectos simbólicos, estéticos e políticos.

Estamos diante, portanto de um quadro de resistência que reage contra um longo processo de subalternização e agravamento do que Boaventura de Sousa Santos (2009) chamou de “pensamento abissal” (Santos, 2009, p. 13). Conceito que se encontra distante no campo do pensamento das concepções, “das cosmologias nativas”, e “memória cultural”, é imprescindível sublinhar as dimensões coletivas abertas pelo olhar múltiplo de Jaider. O lugar da arte como lugar de visibilidade favorecido por esse modo de abarcar a todos, indígenas e não indígenas, brasileiros e estrangeiros, que um dia também foram indígenas. É tempo de despertar para o diálogo com a ancestralidade, não se trata de salvar o modo indígena de viver, mas de salvar a todos, resgatar o mundo para o território colorido dos sonhos, da alegria, do encantamento, o caminho da arte além da cena mítica.

Portanto, não é mais arte indígena contemporânea em um âmbito puramente estético, mas uma ordem cosmopolítica, que reverte o espaço da pajelança. A performance sagrada das existências múltiplas que vigora as ações dos espíritos, traçou linhas ativando mundos dispares, desenho seus visíveis e invisíveis, unindo uma tela sem fundo, preta, em tramas e pontos coloridos, ou em risco de luzes, com grafismos brancos, marcou as peripécias de muitos seres do seu povo makuxi, desfazendo assim os fios do apagamento costurados em um plano de narrativas urgentes, não apenas as que tratam do passado, mas a própria natureza do mito, que fala do futuro no eterno retorno.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

- CHIMAMANDA, Ngozi Adichie. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ANDRADE, Mario de. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. 3. ed. Jandira: Principis, 2020.
- BRASIL DE FATO. OLIVEIRA, Caroline; SETZ, Raquel. *Jaider Esbell: “Arte indígena desperta uma consciência que o Brasil não tem de si mesmo”*. 03 de nov. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/11/03/jaider-esbell-arte-indigena-desperta-uma-consciencia-que-o-brasil-nao-tem-de-si-mesmo>. Acesso em: 30 ago. 2023.
- ESBELL, Jaider. *Makunaimã: o mito através do tempo*. São Paulo. Elefante, 2019.
- ESBELL, Jaider. MAKUNAIMÃ – Meu Avô em Mim. In: ESBELL, Jaider. *Tembeta: pensadores indígenas*. [S. l]: Azougue Press, 2015.
- FANON, Frantz Omar. *Racismo e cultura*. [S. l]: Editora Terra sem Amos, 2021.
- MEDEIROS, Ana Clara Magalhães; FILHO, Joel Vieira da Silva; GOMES, Luis André Pereira. Makunaimã no palco da literatura indígena contemporânea: autoria coletiva e resistência política 90 anos depois de macunaíma. *Itinerários*, Araraquara, n. 52, p. 167-185, jan./ jun. 2021.
- MEDEIROS, JOTABÊ. *Thiago de Mello, o autor do verso “Faz escuro mas eu canto”*. Amazônia Real. 13 set. 2021. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/thiago-de-mello-2/>. Acesso em: 10 fev. 2024.
- MUNDURUKU, Daniel. *Meu vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória*. Ilustrações de Rogério Borges. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 2009.
- NEVES, Paulo Thadeu Franco das; FAVRETO, Elemar Kleber. A arte indígena contemporânea: o trabalho de Jaider Esbell como um controponto à indústria cultural. *Revista Ambiente: Gestão e Desenvolvimento*, [S. l], v. 13, n. 1, p. 103-111, jan./abr. 2020.

SAID, Edward Wadie. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. (CES). Coimbra: Gráfica de Coimbra Ltda, 2009.

SOUZA, Gilda de Mello e. *O tupi e o alauide: uma interpretação de Macunaíma*. São Paulo: Duas Cidades; ED. 34, 2003.

Title

Contemporary indigenous art: shedding light on its rays.

Abstract

The paper proposes an analysis of the images and writings of the artist Jaider Esbell, along with the book *Makunaimã: the myth through time* (2019), according to the concept of authorship that prevailed in the Middle Ages, as suggested by Paul Zumthor, when stories were narrated by various storytellers in the oral tradition. It delves into the workshops of scribes, where a version of history was transcribed and written in order to enter the literary universe. From September 4th to November 28th, 2021, the Moquéem Surari Exhibition at the 34th São Paulo Biennial featured several indigenous artists of contemporary art, from the Baniwa, Gusani, Mbya, Kunikuin, Krenak, Karipuna, Lakota, Makuxi, Murubo, Pataxó, Patamona, Taurepang, Tapirapé, Tekmù'ún-Maxakali, Xerixana and Yanomami peoples. The event showcased drawings, paintings, photographs, and sculptures referring to the visual transformations of Amerindian cosmological thinking and narratives. With a bibliographical approach, the objectives of the article are to analyze the worldview of the indigenous peoples, contribute to restoring values of indigenous art with photos of paintings from various artists at the Biennial, and differentiate them from the hierarchy rooted in the context of non-indigenous art. Furthermore, the paper also addresses the epistemological and methodological aspect of the symbolism observed in the writing and painting of such images, with a theoretical perspective that emphasizes the appreciation of ethics in oral tradition and its mechanism of reproduction, concluding with final considerations.

Keywords:

Jaider Esbell; Makunaimã; 34th Biennial.

Recebido em: 10/02/2024

Aceito em: 29/04/2024